
INOVAÇÃO EDUCACIONAL E ESCOLAS INOVADORAS: discutindo conceitos e práticas

EDUCATIONAL INNOVATION AND INNOVATIVE SCHOOLS: discussing concepts and practices

Christiane Guimarães de Araújo
Flavinês Rebolo

Resumo

Este artigo discute os conceitos de inovação educacional e algumas das práticas que caracterizam escolas inovadoras a partir de um levantamento dos estudos sobre essas temáticas, publicados entre 2000 e 2017. A pesquisa utilizou como procedimento metodológico a revisão sistemática de literatura. A partir do mapeamento realizado no Catálogo de Teses e Dissertações e no Portal de Periódicos da CAPES, foram localizados 156 trabalhos com as palavras-chave inovação educacional e escolas inovadoras. As análises realizadas apontam que ainda há falta de consenso sobre o conceito de inovação na área da Educação e, também, muitas possibilidades de práticas, relacionadas ao currículo, às metodologias, entre outras, apontadas pelos autores como sendo características de uma escola inovadora. São descritas algumas das práticas inovadoras apresentadas nos estudos analisados e propõe-se, ao final, uma possível definição para inovação educacional, como sendo aquela que promove uma ruptura da forma tradicional de ensinar e aprender, que compreende o conhecimento por uma perspectiva epistemológica que problematiza os procedimentos educativos e prioriza a criatividade, a autonomia, valores (como respeito, autoestima, valorização do outro) e a mediação do professor com vistas a aprendizagens significativas.

Palavras-chave: Inovação educacional. Escolas inovadoras. Práticas inovadoras.

Abstract

This article discusses the concepts of educational innovation and some of the practices that characterize innovative schools from a survey of studies on these themes, published between 2000 and 2017. The research used as methodological procedure the systematic literature review. From the mapping carried out in the Catalog of Theses and Dissertations and Journal Portal in the CAPES, 156 works were found with the keywords educational innovation and innovative schools. The analyzes show that there is still a lack of consensus on the concept of innovation in the area of education and also many possibilities of practices related to the curriculum, methodologies, among others, pointed by the authors as characteristics of an innovative school. Some of the innovative practices presented in the analyzed studies are described and, in the end, a possible definition for educational innovation is proposed, as one that promotes a break from the traditional way of teaching and learning, which comprises knowledge from an epistemological perspective that problematizes educational procedures and prioritizes creativity, autonomy, values (such as respect, self-esteem, appreciation of the other) and the teacher's mediation for meaningful learning.

Keywords: Educational innovation. Innovative schools. Innovative practices.

INTRODUÇÃO

No campo da inovação na educação percebe-se que muitas são as escolas que buscam novas formas de ensinar e aprender, de compartilhar o conhecimento significativo e de proporcionar aos estudantes uma relevante e expressiva vivência educacional e humana. Algumas escolas são consideradas inovadoras, de acordo com Penido (2016), Gravatá (2016), Campolina (2012), Singer (2010), entre outros, por romperem com formas tradicionais de ensino e aprendizagem alterando o espaço físico e estrutural, implantando sala de aula compartilhada por estudantes de diferentes faixas etárias, gestão compartilhada e democrática, ensino por metodologias ativas e por projetos, autonomia e escolha do estudante para o que deseja estudar, entre outros. Outras escolas destacam-se como inovadoras por ações comunitárias desenvolvidas no local em que atuam, fazendo diferença significativa para a comunidade e para o desenvolvimento e a vida de seus estudantes. Moran (2012) e Palma (2008), entre outros, apontam a escola inovadora como a escola que proporciona um aprendizado favorável a valorização das diferenças e riquezas culturais e dê voz à auto expressão dos estudantes e à consciência das experiências, com espaço para um currículo adequado às necessidades dos estudantes na atualidade.

Considerando a complexidade e as diversas possibilidades de se fazer inovação na educação, este estudo buscou identificar e discutir os conceitos de inovação educacional e as práticas consideradas inovadoras na escola contemporânea, por meio de uma pesquisa do tipo estado do conhecimento, com uma revisão sistemática dos estudos produzidos sobre essa temática nos últimos 17 anos (de 2000 a 2017).

O mapeamento dos estudos foi realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em abril de 2017, e no Portal de Periódicos da CAPES, em maio de 2017. As palavras-chave utilizadas para as buscas foram: “inovação educacional” e "escolas inovadoras". Foram localizadas 87 teses e dissertações e 69 artigos; desse total foram selecionados para análise 8 teses, 17 dissertações e 33 artigos que continham esses termos no título e/ou nas palavras-chave.

As análises realizadas são apresentadas a seguir em dois tópicos. No primeiro discute-se os conceitos de inovação educacional apresentados pelos autores e, no segundo, as práticas e ações implementadas pelas escolas inovadoras.

Inovação educacional

A revisão de literatura, mapeando as pesquisas já realizadas na área, propiciou um diálogo com as diferentes concepções de inovação, a multiplicidade de entendimentos que esse termo comporta e, conseqüentemente, a dificuldade de conceituação.

A inovação é uma das maiores exigências que a sociedade contemporânea faz às pessoas e às organizações. A Educação, como uma das instituições que alicerça a sociedade, também está sujeita a essa exigência. Em um documento do Ministério da Educação e Cultura sobre Inovação em gestão da educação pública, a autora Maria das Graças Galvão de Souza, afirma que

A sociedade precisa das inovações para melhorar continuamente seu bem estar e sobrevivência, e este é um dos grandes desafios contemporâneos. Relacionando-o com a educação nacional, devemos propiciar oportunidades inovadoras para que os desafios atuais da educação sejam superados; precisamos, pois da criatividade, das ideias e das inovações de todos os profissionais da educação e em todas as áreas, desde a gestão à aprendizagem e ao processo de transformação e preparação dos que buscam o sistema educacional para sua autorrealização pessoal e profissional. Portanto, registrar as inovações, seus ganhos e limitações, são de importância capital. (SOUZA, 2006, p.4)

No entanto, embora necessária e importante, segundo Campolina (2012), a inovação é um objeto de estudo multifacetado, que comporta diferentes elementos e utilizado em várias áreas, como Ciências Sociais, Tecnologias, Artes, Administração, Psicologia Organizacional e, mais recentemente, na Educação. Para Forster (2012) e Forster et al (2006), partindo dos estudos sobre inovação educacional de Cunha e Wolff (2006), Cunha (2003), Rios (2002) e Messina (2001), a inovação acontece a partir de “rupturas paradigmáticas [...] pois exige uma subjetividade emergente, reconfiguração de saberes, novas formas de conceber o conhecimento e as relações sociais, caracterizando-se como um processo bastante complexo” (FORSTER, 2012, p. 20) e que exige mudanças em vários âmbitos (pessoais, sociais e organizacionais).

O professor António Nóvoa, em entrevista a Santos (2013), afirma que não é fácil apontar com precisão e clareza as diferenças entre mudanças e inovações. Alega que vários estudiosos se dedicam há alguns anos a essa reflexão, sobretudo acerca dos processos de mudanças na sociedade e particularmente no campo da educação e do ensino. Faz também um alerta de que “[...] podem ocorrer inovações no ensino sem que, necessariamente, sejam decorrentes ou provoquem mudanças significativas na educação” (SANTOS, 2013, p. 28).

REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576.

Para ele, as inovações podem ser provisórias e ambíguas e, desta forma, suscetíveis de serem abandonadas ou canceladas e “as mudanças são entendidas como processos profundos, muitas vezes longos e não perceptíveis, e afetam as várias dimensões da educação, em sentido amplo, e da educação escolar, em sentido restrito” (SANTOS, 2013, p.28)

Nesse sentido, e também conforme afirmam Fullan (2009) e De Rossi (2005), pode-se dizer que inovação não é uma mudança qualquer. Ela requer uma intencionalidade, capaz de afastar as mudanças produzidas pela evolução “natural” do sistema, uma mudança deliberada e conscientemente assumida. Uma mudança que, como afirma Huberman (1973), se distingue pelo seu elemento de planificação ou de intenção deliberada. O autor ainda cita dois tipos de motivação que podem levar à ruptura de hábitos para a mudança no contexto educacional: as motivações criadoras e as negativas.

por motivações criadoras da inovação entende-se uma vontade deliberada de mudar os costumes, de reduzir a distância entre os objetivos do sistema e as práticas em vigor, de redefinir os problemas e de criar novos métodos para resolvê-los. [...]. As motivações negativas da mudança, por outro lado, seriam suscitadas pelas crises, pela concorrência ou pelos conflitos: greves de alunos ou de professores, descontentamento do público em geral ou de funcionários nacionais, conflitos internos entre administradores e professores, deficiência de professores ou de instalações. (HUBERMAN, 1973, p. 18-19).

Além desta multiplicidade de aspectos necessários para se entender o que seja inovação, Moran (2012, p. 30) acrescenta que “a busca pela novidade, pela mudança, pelo diferente atrai e assusta. Desejamos mudar, mas nos sentimos confortáveis nos modelos conhecidos, nos rituais sempre repetidos”, o que torna a inovação um processo nem sempre fácil de ser implementado.

Para Dalmás (2014), ao decidir inovar a escola enfrentará o “medo do compromisso com as mudanças”, pois existe o “desinstalar-se, o incerto, o novo, o resultado desconhecido” para ser enfrentado.

Como a maioria está acomodada e a possibilidade de comprometer-se com o desconhecido assusta, o medo do compromisso provoca retraimento e enclausuramento. Aceitam e assumem parcialmente, com desconfiança, pois só acreditam quando veem as vivências positivas concretizadas. (DALMÁS, 2014, p.71).

A esse respeito, Imbernòn (2004, p.16) afirma que a “mudança nas pessoas, assim como na educação, é muito lenta e nunca linear. Ninguém muda de um dia para o outro. A

peessoa precisa interiorizar, adaptar e experimentar os aspectos novos que viveu em sua formação.”

Campolina (2012, p. 17) alega que só ocorre uma real inovação educativa quando se articulam “as dimensões históricas e contextual e que, no processo de implementação ocorrem mudanças nos processos subjetivos, sociais e individuais, que, de forma recursiva, produzem o contexto favorável à inovação.” A autora apresenta um quadro no qual faz agrupamento e síntese dos conceitos sobre inovação educativa, estabelecendo 5 enfoques teóricos: 1) Enfoque teórico pautado em uma visão funcionalista da inovação educativa; 2) Enfoque processual sobre a inovação educativa; 3) Enfoque da inovação educativa em relação ao papel dos profissionais da educação; 4) Enfoque epistemológico sobre a inovação educacional e 5) Enfoque sobre os significados atribuídos ao processo de inovação educativa.

Diante de um enfoque teórico pautado em uma visão funcionalista da inovação educativa, a autora apresenta os estudos dos autores Havelock e Huberman (1980), Huberman (1973) e Goldberg e Franco (1980), que apresentam aspectos sobre a dimensão planejada da inovação e caracterizam os graus de inovação e a produção de modelos de mudança. Essas contribuições dos autores relatados por ela influenciaram grande parte dos estudos da área, reconhecendo as múltiplas variáveis envolvidas na inovação.

Já em um enfoque processual sobre a inovação educativa, Campolina (2012) destaca a contribuição de Carbonell (2002) e Navarro (2000), que concebem a inovação não como um ato isolado, mas como um processo. Eles esclarecem que a inovação é uma dimensão mais ou menos planejada e sistemática de implementação de mudanças e que depende de um conjunto de atividades, que pode resultar em verdadeiras transformações de processos educacionais, ao influir diretamente na satisfação dos docentes e estudantes.

Quanto ao enfoque do papel dos docentes no contexto da inovação educativa, Campolina (2012) elenca Torre (2009, 2013), Farias (2006), Alvarez (2005), Thurler (2001) Ferreti (1995) e Correia (1991) como pesquisadores que contribuem para o campo científico, no propósito de apontarem a valorização das possibilidades de mudança na prática pedagógica dos professores, porque essas mudanças de práticas podem promover valorização da participação dos profissionais na geração e implementação da inovação e reconhecimento da dimensão motivacional.

Há, ainda, o enfoque epistemológico sobre a inovação educacional, que considera que a criação do “novo” está diretamente relacionada ao sistema e ao contexto em que as

peças vivem, sendo necessária uma mudança de mentalidade nas formas de agir na prática pedagógica. Sobre essa perspectiva, os estudos de Aguerro (2008, 1995); Cunha e Wolf (2006); Cunha (2003, 1997); Moraes (2004); Veiga (2003) e Braga, Genro e Leite (2002), valorizam a mudança em termos de ruptura com um paradigma dominante, tendo como cenário referencial o contexto de globalização e as políticas neoliberais do século XXI. Torre (2009) ainda cita a cultura institucional, as representações e valores em relação aos sistemas educativos, promovendo um reconhecimento do papel da cultura sobre os indivíduos que fazem parte desse sistema orientado a uma compreensão não-linear do processo da inovação.

Tais enfoques são importantes para compreendermos o que seria a educação inovadora, diferente da educação tradicional que, como afirma Giroux (1997), está pautada em ideologias instrumentalistas, que enfatizam uma abordagem tecnocrática para a preparação dos professores e também para a pedagogia de sala de aula, promovendo padronização do conhecimento escolar e desvalorização do trabalho crítico e intelectual de professores e estudantes pela primazia de considerações práticas.

Zwierewicz et al. (2016), em seu estudo sobre escolas criativas, apresentam a escola tradicional a partir de um paradigma positivista, no qual as “práticas centradas em competição, exclusão e fragmentação, estimulam uma criatividade limitada que, de certa forma, são vinculadas à reprodução linear de conhecimentos historicamente acumulados.”

Dizendo de outro modo, uma forma de pensar que não apreende a multidimensionalidade das realidades, porque proporciona saberes separados, fragmentados e compartimentados entre disciplinas. Esses modelos ainda estão presentes na contemporaneidade, algo que, de certa forma, atravança o processo da educação, como proclama Moreira (2011), Gentilini e Scarlatto (2015) complementam, esclarecendo que

Metodologicamente, esse modelo [tradicional] baseava-se na transmissão de conhecimentos por meio de aulas expositivas, utilizando o giz e o quadro-negro (invenções da primeira década do século XIX) como principais recursos didáticos do professor para que as lições fossem vistas e anotadas por classes que variavam de 25 a 45 alunos, em média, acomodados em salas de aula em "carteiras" (outra invenção do século XIX) e, principalmente, em um currículo organizado de acordo com a divisão no campo das ciências em geral — as chamadas "disciplinas". Chamava-se isto de "ensino frontal", em que o professor falava e os alunos ouviam, e o respeito aos mestres era garantido, não apenas pela sua simpatia e capacidade de comunicação, mas também por rígidas normas disciplinares que partiam do pressuposto de que, ao entrarem na escola,

todos os alunos eram "iguais" e deveriam ter o mesmo comportamento. (GENTILINI; SCARLATTO, 2015, p. 18).

Compreendemos que nessa forma de ensinar e aprender, o espaço para a criatividade, a autonomia e o protagonismo, tanto do professor como do estudante, era praticamente inexistente, já que o tempo reservado à transmissão dos conteúdos disciplinares não poderia ser desperdiçado e os programas de ensino estabelecidos pelos órgãos centrais precisavam ser cumpridos a rigor. Não havia espaço para mudanças.

Para que haja mudança na educação é preciso que se considere, então, como afirma Campolina (2012), que a inovação educacional

está relacionada às instituições escolares e às práticas pedagógicas, incluindo processos de aprendizagem de alunos e professores, às mudanças materiais e mudanças conceituais, como programas educativos, métodos, recursos pedagógicos e currículos e até mesmo às transformações nas formas de gestão e nas relações interpessoais entre os atores escolares. (CAMPOLINA, 2012, p. 23).

A partir das reflexões feitas acima conceituamos inovação educacional como o fenômeno que promove uma ruptura da forma tradicional de ensinar e aprender, compreendendo o conhecimento por uma perspectiva epistemológica que problematiza os procedimentos educativos e prioriza a criatividade, autonomia, valores (como respeito, autoestima, valorização do outro) e a mediação do professor com vistas à aprendizagens significativas.

Escolas inovadoras e suas práticas

O que seriam “escolas inovadoras”? Como elas se configuram, como realizam seus processos de ensino e aprendizagem, como os gestores e professores se organizam e colaboram nesse processo de inovação? Quais as ações e projetos das escolas inovadoras diferem daqueles já existentes na maioria das escolas brasileiras para que algumas escolas sejam consideradas inovadoras?

Uma escola inovadora seria aquela que, como apontam Moran (2012), Palma (2008), entre outros autores, proporcione um aprendizado favorável a valorização das diferenças e riquezas culturais e dê voz à auto expressão dos estudantes e à consciência das experiências, com espaço para um currículo adequado às necessidades dos estudantes na atualidade.

Nesse contexto, consideramos que uma escola inovadora é aquela que fornece subsídios cognitivos, relacionais e emocionais para que os estudantes enfrentem mais adequadamente os desafios do século XXI, isto é, uma escola que, *a priori*, ofereça alternativas para o estudante sobre aquilo que precisa aprender, que faça sentido em sua vida e que, de certa forma, proporcione prazer pelo estudo.

Para Cardoso (1997), as escolas inovadoras são instituições que não apenas passam por uma mudança qualquer, mas conquistam tal inovação com um caráter intencional, ou seja, uma mudança deliberada e conscientemente assumida, visando uma melhoria da ação educativa. Uma escola que não busca exclusivamente uma renovação ou práticas pontuais de inovação, mas que traz à realidade educativa algo efetivamente "novo".

O termo “novo”, aliás, também é bastante complexo de se definir, uma vez que o que pode ser novo para uma escola, um indivíduo, uma comunidade, pode não ser para outros. Para esclarecer essa definição, Rios (2002, p. 157) defende que o novo tem um caráter de originalidade, da busca da origem, “daquilo que é provocador, estimulador de irmos adiante e organizarmos de forma diferente o nosso trabalho”.

Conforme apresentado pelo Ministério da Educação e Cultura, no Portal Criatividade e Inovação na Educação (Brasil, 2015), o ‘novo’ envolve cinco esferas elencadas como pressupostos de inovação, que abarcam os processos de gestão, o currículo, o ambiente, as metodologias e a intersetorialidade. Deste modo, podemos entender que uma escola inovadora seria aquela que propõe um projeto de gestão que facilite as mudanças organizacionais e pessoais, que estimule a criatividade e a participação dos seus estudantes e docentes, que propicie inúmeras transformações na forma do aprendizado acontecer, que estruture e pense o currículo escolar inserido no contexto de vida dos estudantes.

Nas escolas consideradas inovadoras por autores como Singer (2010), Penido (2016), Mosé (2013) e Fernandes (2011), o currículo possui uma didática centrada no estudante e no processo ensino-aprendizagem. É um currículo que procura adaptar-se às diferenças individuais, respeitando os diversos ritmos de aprendizagem e integrando as diferenças locais e os contextos culturais.

É o que aponta Moran (2012, p. 32), ao considerar inovadoras aquelas instituições que “traçam linhas de ação pedagógica gerais que norteiam as ações individuais, sem sufocá-las, [que respeitam] os estilos de dar aula que dão certo [e personalizam] os processos de ensino aprendizagem, sem descuidar do coletivo”. Quer dizer, uma escola que avance mais pela educação positiva do que pela repressiva.

Nessa significação, Moran (2012) complementa:

É importante não começar pelos problemas, pelos erros, não começar pelo negativo, pelos limites. E sim pelo positivo, pelo incentivo, pela esperança, pelo apoio na capacidade de aprender e de mudar. Ajudar o aluno a acreditar em si, a se sentir seguro, a se valorizar como pessoa e se aceitar plenamente em todas as dimensões da vida. Se o aluno acredita em si, será mais fácil trabalhar os limites, a disciplina, o equilíbrio entre direitos e deveres, a dimensão grupal e social. (MORAN, 2012, p. 33).

O autor ainda considera que “a educação inovadora precisa integrar melhor o conhecimento sensorial, o emocional, o intelectual e o ético” (MORAN, 2012, p. 48). Para esse autor os currículos das escolas inovadoras são mais flexíveis e personalizados do que os que temos em geral, pois apresentam menos disciplinas obrigatórias e oferecem eixos temáticos como alternativas de avançar na formação. Desta forma, os estudantes têm mais liberdade para escolherem qual caminho desejam para seu percurso de aprendizagem, personalizando diálogos permanentes com o professor orientador.

Outro fator a ser considerado em uma escola, para que seja reconhecida como inovadora, é o foco na pesquisa, no que se refere tanto à atuação do professor, quanto ao estudo dos estudantes. São projetos e planos de ensino que buscam, para além de uma aprendizagem de conteúdos, o conhecimento trabalhado pelas vias das experiências e da resolução de problemas.

Trata-se, pois, de uma nova postura perante a construção de conhecimento, na qual estudantes e professores pesquisam juntos as respostas para suas indagações e curiosidades acerca do mundo e do contexto em que vivem. Contrapõe-se, assim, veementemente, à prática pedagógica tradicional que, segundo Moran (2012, p. 34), apoia-se “nos procedimentos didáticos de aulas expositivas, em que o professor reproduz e transmite um conteúdo apoiado em um manual didático, para estudantes que devem ouvir, ler, decorar e repetir.”

É salutar dizer que a produção de inovações nesse horizonte requer uma adequada preparação profissional dos professores, novos métodos de avaliação e de diagnósticos, algo que deve ser desenvolvido e fomentado por uma gestão escolar democrática, participativa e colaborativa.

No que diz respeito à gestão escolar, outro fator de diferencial entre uma escola inovadora e outra escola de proposta pedagógica mais tradicional, é o fato de ser fundamental o foco da gestão nos aspectos éticos, coletivos, comunicativos,

comportamentais e emocionais para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos. Moran afirma que a educação democrática “deve enfatizar a participação dos educandos na elaboração de todas as decisões sobre a vida em comunidade e o respeito com o qual eles têm de observar a essas regras, para que adquiram o sentido de responsabilidade” (MORAN, 2012, p. 22).

Assim, a gestão trabalhará com projetos integrados ou baseados em problemas reais, pesquisando-os em grupo, refletindo sobre eles, buscando soluções e implementando-os coletivamente até onde for possível. Helena Singer (2010) afirma que as escolas inovadoras procuram novas formas de subjetividade, recusando a individualidade que nos é imposta na maioria dos sistemas educacionais, por meio de

Propostas educacionais pautadas em ideias de liberdade e gestão participativa que receberam diferentes dominações da literatura ao longo dos últimos cento e cinquenta anos: românticas [...], pedagogia centrada no estudante [...], escolas livres, progressistas, alternativas, democráticas. Embora haja diferenças em relação aos vários países onde se encontram estas escolas, atualmente o movimento em torno do qual elas se articulam tem adotado a denominação “educação democrática”. [...] Apesar destas diferenças, apresentam duas características em comum: gestão participativa, com processos decisórios que incluem estudantes, educadores e funcionários, e organização pedagógica como centro de estudos, em que os estudantes definem suas trajetórias de aprendizagem, sem currículo compulsório. (SINGER, 2010, p.15).

Podemos entender que uma gestão democrática provoca uma metodologia participativa, na qual as relações solidárias de convivência pontificam, provocam, mesmo que lentamente, a concretização de uma nova ordem social, na qual todos os agentes escolares não só participem na execução de todo o processo educacional, mas também na discussão dos rumos da instituição escolar.

E quem seria esse gestor para colocar em prática esse tipo de gestão? Segundo Moran (2012, p. 25), o diretor deve ser “um homem dinâmico, acolhedor, que conversa com os professores e alunos, atrai pessoas da comunidade para apoiar a escola. Não tem grandes recursos, tem pessoas motivadas, unidas por sua amizade e carisma. Um bom gestor muda uma escola.” E complementa que “uma direção motivada, orientada por metas claras compartilhadas com professores, pais e estudantes” é um grande diferencial para a construção de uma escola inovadora.

No entanto, ainda que a escola tenha um gestor com esse perfil e sem “grandes recursos”, acreditamos que a questão da infraestrutura das escolas, a esfera do “ambiente”,

conforme citado pelo MEC (Brasil, 2015), que varia de escola para escola, tem influência nos processos de inovação. Gravatá (2016) considera a importância da arquitetura nos espaços escolares, onde a invenção de ambientes lúdicos gera uma relação de aproximação, significado e encantamento no processo educativo.

Assim, cada escola cria seus espaços de aprendizagens, organizando-se neles de acordo com seus projetos pedagógicos. Busca romper as barreiras clássicas de organização do espaço escolar, com salas e carteiras enfileiradas, para instituir um terreno de troca constante, com espaços coletivos e compartilhados, promovendo e desenvolvendo nos estudantes a capacidade de trabalhar em grupo, de resolver problemas e de pensar de forma diferente sobre uma mesma questão.

Sobre uma educação inovadora, outro ponto fomentado e discutido nos estudos sobre escolas inovadoras é o entendimento de que esta educação não pode ser um mero preenchimento de horários, mas sim uma educação que promova ações de desenvolvimento amplo do ser humano, ou seja, a formação que tenha como função formar os estudantes em suas dimensões intelectuais, sociais, emocionais, físicas e culturais.

Como aponta Saviani (2000), é uma educação de caráter desinteressado que, além do conhecimento da natureza e da cultura envolve as formas estéticas, a apreciação das coisas e das pessoas. Colaborando com isso, Penido (2016) aponta que uma escola inovadora deve buscar uma educação integral que inclua:

[...] (i) conhecer e cuidar melhor de seu corpo, sua mente e suas emoções; (ii) desenvolver o pensamento crítico, lógico e científico, ampliando a sua compreensão de mundo e a sua capacidade de resolver problemas de forma criativa e inovadora; (iii) respeitar e apreciar as diferenças e a diversidade; (iv) comunicar-se em diferentes linguagens e plataformas, relacionar-se e cooperar com os demais; (v) reconhecer e exercer direitos e deveres, tomando decisões e agindo de forma ética, sustentável e responsável; (vi) definir metas, organizar-se e perseverar para alcançar seus objetivos e seu projeto de vida. (PENIDO, 2016, p. 25).

Existem, portanto, caminhos que levam a uma educação mais efetiva considerando a velocidade da própria sociedade e do mundo contemporâneo, de modo que defendemos que o termo "escola inovadora" não seja um modismo, um mero ornamento ou ainda mais uma nomenclatura que se perderá ao logo dos próximos anos, mas uma possibilidade de escolas no Brasil que possam encantar os estudantes, dando-lhes possibilidades de futuro e de prazer pelos estudos, que dê motivações para o trabalho do professor.

Para isso, sem buscar uma definição fechada do termo “escolas inovadoras”, apresentamos as considerações de Penido (2016) acerca dos indícios de que uma escola esteja atuando de forma inovadora.

As escolas inovadoras apostam no desenvolvimento integral (preparação para a vida), na personalização (respeito às individualidades), na experimentação (aprendizado mão na massa), nas tecnologias (recursos digitais de aprendizagem), na organização da escola (novos tempos, espaços e dinâmicas), nos papéis e relações (participação, corresponsabilidade e confiança), na avaliação e certificação (novos indicadores, processos e ferramentas) e na inovação na educação (qualidade, equidade e sentido), com a finalidade de proporcionar mudanças culturais profundas, [...] que se revertam em novas práticas, papéis e relações, que gere uma escola que faça mais sentido para os nossos estudantes e impulse o desenvolvimento social, político e econômico do país”. (PENIDO, 2016, p. 185).

Dessa forma, finalizamos com uma síntese acerca do que vem a ser uma escola inovadora, que entendemos ser aquela que reestrutura seu fazer pedagógico por intermédio de um processo flexível e personalizado, reconfigura a relação dos indivíduos dentro e fora da escola, desenvolve um conhecimento integrador por meio de metodologias participativas de ensino, incita o desenvolvimento da autoestima/autoconhecimento no dia a dia do estudante e promove a formação do estudante para que este seja pesquisador e empreendedor do seu próprio conhecimento.

Considerações Finais

Discutir sobre educação nunca é uma tarefa simples. Estamos diante de um tema complexo, abrangente, que é vivenciado o tempo todo ao longo da vida da maioria dos seres humanos. Um debate tão complexo como este não poderia estar deslocado do contexto contemporâneo. Ele se constrói a partir de um cenário social, político e econômico muito peculiar, que marca o mundo e o Brasil atualmente.

Se, por um lado, diversas indefinições de ordem política, restrições orçamentárias e diminuição de direitos fundamentais conquistados pelos brasileiros nas últimas décadas impactam direta e negativamente na educação atual; por outro lado acreditamos que é possível construir escolas contextualizadas para a contemporaneidade, nas quais todo contexto escolar contribua na formação do indivíduo, bem como na formação constata do professor que lá atue, respeitando a multiplicidade e diversidade de modos de atuar na educação e na sociedade.

Acreditamos que as reflexões que fizemos contribuam para a ciência avançar no entendimento sobre a inovação na educação, bem como sobre a participação ativa de todos que estão envolvidos no ato de construção da escola e da formação do ser humano integral.

Inovar na educação, transformando a experiência do aprendido em algo atraente por meio diferentes metodologias, ainda é um grande desafio para a grande maioria dos professores que muitas vezes encontram caminhos sinuosos a serem percorridos. Cremos que o processo de conhecimento é transitório, inacabado e infindável, porém é preciso despir-se de preconceitos, para que consigamos visualizar com mais clareza a contemporaneidade e lidar com os sujeitos complexos, integrais e integrados do mundo que vivemos. Cremos, também, que a despeito das repressões e restrições, impostas pelos governos, e das resistências às mudanças, que todo ser humano tem, muitos educadores estão lutando, estudando e pesquisando para a construção de uma escola inovadora.

Apostamos na humanidade, e essa aposta é que a cada ano crianças e jovens cheguem ao mundo mais provocadores, mais interessantes e interessados, mais inventivos, mais sensíveis e mais criativas. Acreditamos que um dos grandes desafios sociais na atualidade, para a inovação no campo educacional, sejam as conquistas que possibilitem a criação, a inventividade. Que o novo, ou a potencialidade de experimento não seja visto como perigo, como instabilidade e com medo, mas sim como possibilidades múltiplas de crescimento.

REFERÊNCIAS

- AGUERRONDO, I. Entrevista a Inês Aguerrondo. In: **III Congresso Internacional de Innovación Educativa**. 2008. México. Disponível em: <http://ciievirtual.ilce.edu.mx/portalv/ciie_files/> Acesso em: 18 de março de 2009.
- AGUERRONDO, I. Innovaciones y calidad de la educación. **Revista Latinoamericana de Innovaciones Educativas**, Buenos Aires, v. 7, n. 19, p. 17-42, mar. 1995.
- ÁLVAREZ, J. Es posible convertir nuestras escuelas en organizaciones que aprenden para mejorar? **REICE – Revista Eletrônica Iberoamericana sobre calidad, eficacia y cambio en educación**, Madrid, v. 3, n. 1, p. 442-736, 2005.
- BRAGA, A. M.; GENRO, M. E.; LEITE, D. Universidade Futurante: inovação entre as certezas do passado e incertezas do futuro. In: LEITE, D.; MOROSINI, M. (Orgs.). **Universidade Futurante: produção do ensino e inovação**. Campinas: Papyrus, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Programa de Estímulo à Criatividade na Educação Básica**. Portal Criatividade e Inovação na Educação. DF, 2015.
- REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576. E-201935

- CAMPOLINA, L. de O. **Inovação educativa e subjetividade**: a configuração da dimensão histórico-subjetiva implicada em um projeto inovador. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, 2012.
- CARBONELL, J. S. **A aventura de inovar**. São Paulo: Editora Artmed, 2002.
- CARDOSO, A. P. P.O. Educação e Inovação. **Revista Millenium On-line**, n. 6, p. 1-9, 1997.
- CORREIA, J. A. **Inovação pedagógica e formação de professores**. Portugal: Edições ASA/Clube do Professor, 1991.
- CUNHA, M. I. Aula Universitária: Inovação e Pesquisa. In: LEITE, Marília M. (Org.). **Universidade Futurante**. Campinas SP: Papyrus, 1997.
- CUNHA, M. I. Inovações pedagógicas: tempos de silêncios e possibilidades de produção. **Interface, Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 7, n. 13, p. 149-158, 2003.
- CUNHA, M. I.; WOLFF, R. Trilhas investigativas: localizando a inovação na prática pedagógica da universidade. In: CUNHA, M. I. (Org.). **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2006.
- DALMÁS, Â. **Planejamento participativo na escola**: elaboração acompanhamento e avaliação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DE ROSSI, V. L. S. Mudança com máscaras de inovação. **Revista Educação e Sociedade**, v. 26, n. 92, p. 935-957, 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v26n92/v26n92a11.pdf>.
- FARIAS, I. M. S. de. **Inovação, mudança e cultura docente**. Brasília: Liber livro, 2006.
- FERNANDES, P. T. Inovações Curriculares: o ponto de vista de gestores de escolas do ensino básico de Portugal. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p.181-210, 2011.
- FERRETI, C. J. A inovação na perspectiva pedagógica. In: GARCIA, W. E., **Inovação Educacional no Brasil**: problemas e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.
- FORSTER, M. M. dos S. Escola como espaço de formação: A construção de experiências inovadoras em parceria com a universidade. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2012. **Anais...** Campinas, UNICAMP, 2012.
- FORSTER, M. M. dos S. et al. Alguns caminhos para compreender o processo de construção da inovação. In: CUNHA, Maria Isabel. (Org.). **Pedagogia Universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. São Paulo: Junqueira & Marin Editores, 2006.
- FULLAN, M. **O significado da mudança educacional**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GARCIA, A. (Org.) **Destino Educação**: escolas inovadoras. São Paulo: Editora Moderna / Fundação Santillana, 2016. p. 22-37. Disponível em:
- REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576. E-201935

<https://pt.calameo.com/read/002899327f24def4bc47a>

GARCIA, W. E.; FARIAS, I. M. S. Estado, Política Educacional e Inovação Pedagógica. **Revista O público e o privado**, Fortaleza, n. 5, p. 61-74, 2005.

GENTILINI, J. A.; SCARLATTO, E. C. Inovações no ensino e na formação continuada de professores: retrocessos, avanços e novas tendências. In: PARENTE, C.; VALLE, L.; MATTOS, M. J. (Orgs.). **A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015.

GIROUX, H. A. **Professores como intelectuais transformadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOLDBERG, M. A. A.; FRANCO, M. L. P. B. **Inovação educacional: um projeto controlado por avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cortez & Moraes / Fundação Carlos Chagas, 1980.

GRAVATÁ, A. O espaço que inventamos nos inventa. In: GARCIA, A. (Org.) **Destino Educação: escolas inovadoras**. São Paulo: Editora Moderna / Fundação Santillana, 2016. p. 38-47. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/002899327f24def4bc47a>

HAVELOCK, R. G.; HUBERMAN, A. M. **Innovacións Y Problemas de la educación: Teoría y realidad en los países en desarrollo**. Paris: UNESCO, 1980.

HUBERMAN, A. M. **Como se realizam as mudanças em educação: subsídios para o estudo da inovação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

MESSINA, G. Mudança e Inovação educacional: notas para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, p. 225-233, 2001.

MORAES, M. C. Além da aprendizagem: um paradigma para a vida. In: MORAES, M. Cândida.; TORRE, S. de la. (Orgs.). **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. **Aprendizagem Significativa em Revista / Meaningful Learning Review**, v. 3, n. 25, p. 25-46, 2011.

MOSE, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NAVARRO, M. R. **Innovación Educativa: Teoría, Procesos y Estratégias**. Madrid, EP: Editorial Síntesis, 2000.

PALMA, G. Um novo olhar sobre a escola – o lugar da inovação na construção de possibilidades e avanços emancipatórios. **Revista Competência Senac**. v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://seer.senacrs.com.br/index.php/RC/article/view/114>.

REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576. E-201935

PENIDO, A.. Escolas em (re)construção. In: GARCIA, A. (Org.) **Destino Educação:** escolas inovadoras. São Paulo: Editora Moderna / Fundação Santillana, 2016. p. 22-37. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/002899327f24def4bc47a>

RIOS, T. A. Competência ou competências – o novo e o original na formação de professores. In: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C. (Orgs.) **Didática e práticas de ensino:** interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, L. L. Entrevista com o Professor António Nóvoa. **Educação em Perspectiva**, Viçosa-MG, v. 4, n. 1, p. 224-237, 2013. Disponível em: <https://educacaoem perspectiva.ufv.br/index.php/ppgeufv/article/viewFile/436/112>.

SAVIANI, D. A educação musical no contexto da relação entre currículo e sociedade. **Revista HISTEDBR**, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/reder2.html>.

SINGER, H. **República de crianças:** sobre experiências escolares de resistência. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

SOUZA, M. das G. G. de. **Inovação em gestão da educação pública:** questões conceituais. Brasília: MEC/Pradime/Laboratório de Experiências Inovadoras em Gestão Educacional, 2006.

THURLER, M. G. **Inovar no interior da escola.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

TORRE, S. de la. Movimento de Escolas Criativas: fazendo parte da história de formação e transformação. In: ZWIEREWICZ, M. (Org.). **Criatividade e inovação no Ensino Superior:** experiências latino-americanas em foco. Blumenau: Nova Letra, 2013.

TORRE, S. de la. Escolas Criativas: escolas que aprendem, criam e inovam. In: ZWIEREWICZ, M; TORRE, S. de la. (Org.). **Uma escola para o século XXI:** escolas criativas e resiliência na educação. Florianópolis: Insular, 2009.

VEIGA, I. P. A. Inovações e Projeto Político-Pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dez. 2003.

ZWIEREWICZ, M.; SOMARIVA, J. F. G. et al. Escolas Criativas: experiências transformadoras potencializadas na interação do Ensino Superior com a Educação Básica. **Polyphonia**, v. 27, n.1, jan./ jun. 2016.